

CLIMA

Produtores rurais procuram formas para mitigar os desafios climáticos

Perdas no cultivo de verão vão aumentar ainda mais os prejuízos por conta da quebra de 20,1% na produção de grãos

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Desde a safra 2019/2020, eventos climáticos extremos já causaram quase R\$ 117 bilhões em perdas na agropecuária gaúcha. Foram 40,6 milhões de toneladas de grãos não colhidos, conforme a Federação da Agricultura do RS (Farsul). Diante da sucessão desse cenário, a busca de medidas de enfrentamento, que já está na pauta do Estado há décadas, voltou a ganhar força e está no centro dos debates nos principais fóruns de discussão e eventos do setor.

As perdas no atual cultivo de verão, irão aumentar ainda mais os prejuízos nos campos do RS por conta da quebra de 20,1% na produção de grãos, especialmente na cultura da soja, com quase 10 milhões de toneladas perdidas em decorrência da estiagem, segundo a Rede Técnica Cooperativa (RTC), disse o economista-chefe da Farsul, Antônio da Luz, na Expodireto Cotrijal.

Não por acaso, o governo do Estado vem trabalhando para destri-

var e impulsionar investimentos na implementação de estruturas para captação e retenção da água das chuvas - abundantes no outono e no inverno - para irrigação nos períodos de escassez hídrica.

Conforme o secretário estadual de Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação, Clair Kuhn, apenas 4% das áreas agrícolas de sequeiro são cobertas por sistemas de irrigação no Estado.

“A irrigação é uma das grandes alternativas para alcançarmos resiliência climática. É o carro-chefe da Secretaria e uma das ferramentas a médio e longo prazo, pois nos dá garantia de produtividade depois de implantada”. Ele aponta que a produção de milho, por exemplo, fundamental na suplementação animal e cuja demanda gaúcha acaba sendo atendida com produto de outras regiões, poderia passar de 130 sacas de 60 quilos por hectare para até 250 sacas com o auxílio de sistemas irrigados.

Para isso, o Programa de Irrigação do governo do RS, lançado em 2023, é considerado fundamental e visa a implementação de 100 mil hectares até 2028, o que representaria um crescimento de 33%. Na segunda fase, em fevereiro de 2024, o governo anunciou a destinação de R\$ 213,2 milhões para subvencionar até 20% do valor orçado nos projetos de irriga-



Atualmente, áreas de lavouras de sequeiro com sistema de irrigação representam apenas 4% no Rio Grande do Sul

ção, limitados a R\$ 100 mil por beneficiário. De acordo com o Palácio Piratini, pelo menos 720 projetos já foram recebidos nas duas etapas, para 9,6 mil hectares irrigados em 173 municípios. O investimento privado estimado chega a R\$ 197 milhões.

Paralelamente, o governador Eduardo Leite anunciou na abertura da Expodireto Cotrijal, decretos que irão agilizar e desburocratizar a outorga de uso d'água. Ele também mencionou instrução normativa que deverá ser publicada pela Secretaria do Meio Ambiente, tratando da possibilidade de intervenção em Áreas de Preservação Permanente (APPs), tema contemplado em projeto aprovado pela Assembleia Legislativa e sancionado no ano passado.

Outra ação que deverá ser lançada em 2025 é um programa de melhoria de solos, ressalta o secretário Clair Kuhn. A iniciativa, reunindo pesquisadores de universidades, da Embrapa e da Emater-RS, visa

a ampliar o impacto positivo de ações agronômicas que potencializam o cultivo agrícola e a proteção ambiental.

A eletrificação rural é mais um tema que ganha força como instrumento para impulsionar ações de enfrentamento às mudanças do clima sobre o agronegócio. Com cerca de 60% das redes de transmissão ainda monofásicas, produtores encontram dificuldades para fazer uso de motores mais potentes, resfriadores, ordenhadeiras, aparelhos de ar-condicionado e até mesmo para puxar a água dos reservatórios para irrigação nas lavouras, por exemplo.

Uma medida em prática é a parceria entre o governo do Estado e cooperativas de energia para fazer o upgrade das redes e melhorar a capacidade elétrica nas propriedades. “Sem energia de qualidade, como o produtor vai movimentar a água em tempos de estiagem, por exemplo? Para ampliar o atendimento a essas demandas, estamos buscando junto à União fi-

nanciamentos com juros compatíveis com a atividade, e não a custo de mercado. E defendemos a medida porque o retorno é grande, com maior produtividade, fixação do homem no campo, arrecadação de impostos, geração de emprego e renda”, observa o superintendente da Federação das Cooperativas de Energia, Telefonia e Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul (Fecoergs), José Zordan.

Enquanto isso, o Programa Energia Forte no Campo, iniciado em outubro de 2020, já permitiu a implantação de 972 quilômetros de linhas de transmissão trifásicas por 123 municípios gaúchos ao longo das três primeiras fases, já concluídas, e da quarta etapa, em implantação. Conforme a Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura, investimento já chega a R\$ 102,1 milhões da iniciativa privada, com contrapartida de R\$ 19,9 milhões do Executivo estadual. O governo já trabalha no edital da 5ª fase.

Conselheira do V20 propõe abordagem múltipla para resiliência climática

A aposta em sistemas de irrigação eficientes, em cuidados com o solo e também no desenvolvimento de sementes resistentes à estiagem é defendida pela economista de origem filipina e bangladeshiana Sara Jane Ahmed. Ela foi uma das painelistas do Seminário Científico “RS Resiliência & Sustentabilidade”, realizado na sexta-feira, no Salão de Atos da Ufrgs. Sara é assessora do Grupo dos Ministros das Finanças do V20 - iniciativa de cooperação criada em 2015 reunindo 20 países sistemicamente vulneráveis às mudanças climáticas e que hoje já congrega 68 nações e 1,7 bilhão de pessoas, cerca de 20% da população do planeta. Ao Jornal do Comércio, ela apontou ações que estão sendo adotadas no V20 e que podem ser úteis também no Brasil.

“Uma abordagem abrangente e multifacetada é proposta para a adaptação a inundações e secas, dada a escala e magnitude do problema. Para o setor agrícola, o cultivo de variedades resistentes à seca, a gestão da saúde do solo que preserve a retenção de água e nutrientes, e os sistemas de irrigação eficientes em água irão melhorar a adaptação e construir resiliência. Além disso, o treinamento e a educação comunitária são vitais, pois a conscientização pública sobre os riscos de inundações e secas e as medidas de adaptação são importantes”, disse.

Para isso, acrescenta, a política e a governança são fundamentais. Segundo ela, a legislação relacionada à proteção dos recursos naturais precisa ser fortalecida e aplicada, uma abordagem integrada para a gestão

dos recursos hídricos precisa ser adotada, assim como esforços abrangentes de mitigação climática.

Fundadora do Financial Futures Center, que apoia os países em desenvolvimento na catalisação de uma transformação econômica para lançar uma década de progresso, com cinco anos de ações aceleradas buscando alcançar a prosperidade climática até 2030, a economista alerta para os efeitos da demora na tomada de decisão para a adoção de medidas de enfrentamento às mudanças no clima.

“Enquanto os desastres atingem de forma rápida e severa, as finanças se movem lentamente, enterradas sob barreiras que punem os vulneráveis com atrasos e dívidas. O custo da inação é muito maior do que o preço do investimento, e ainda assim o mundo hesita. Os gestores econô-



Países do V20 já perderam 20% de seu potencial de crescimento do PIB, diz Sara

micos do V20 sabem muito bem que seus países já perderam 20% de seu potencial de crescimento do PIB devido aos impactos das mudanças climáticas sofridos nas últimas duas

décadas, como as inundações de 2024 no Rio Grande do Sul causadas por chuvas e tempestades intensas. Nosso povo sabe que hesitar nunca é uma estratégia vencedora”, disse.

RS RESILIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE/DIVULGAÇÃO/JC